

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

UM AMOR PARA RECORDAR



Para Jamie Raab e Denis Dalrymple.

*Um ano para recordar...
e um ano para esquecer.
Estou com vocês em espírito.*

Prólogo



Aos 17 anos, minha vida mudou para sempre.

Sei que algumas pessoas ficam surpresas quando digo isso. Elas me olham de um jeito estranho, tentando compreender o que poderia ter acontecido naquela época, embora eu quase nunca me dê ao trabalho de explicar. Como morei aqui a maior parte da vida, não sinto que seja necessário, a menos que eu o faça em meus próprios termos, e isso levaria mais tempo do que os outros estão dispostos a ouvir. Minha história não pode ser resumida em duas ou três frases; não pode ser empacotada em algo organizado e simples que as pessoas entenderiam de imediato. Apesar de terem se passado quarenta anos, os que ainda moram aqui e me conheciam naquela época aceitam a ausência de explicação sem questionar. De certa forma, minha história é a história delas, pois é algo que todos nós vivemos.

No entanto, quem a viveu mais de perto fui eu.

Tenho 57 anos, mas ainda consigo me lembrar de tudo daquele ano, nos mínimos detalhes. De vez em quando repasso-o em minha mente, revivendo-o, e percebo que, ao fazer isso, sempre experimento um estranho misto de tristeza e alegria. Há momentos em que eu gostaria de poder voltar no tempo e acabar com toda a tristeza, mas tenho a sensação de que, se fizesse isso, a alegria também desapareceria. Então aceito as lembranças como são, todas elas, e permito que me guiem sempre que posso. Isso acontece com mais frequência do que deixo transparecer.

É o dia 12 de abril do último ano antes da virada do milênio e, quando saio de casa, olho ao redor. O céu está cinza e pesado, mas à medida que desço a rua, percebo que os cornisos e as azaleias estão florindo. Fecho um pouco o casaco. O clima está frio, embora eu saiba que é só uma questão

de semanas até que se torne agradável e o céu cinzento dê lugar ao tipo de dia que faz da Carolina do Norte um dos lugares mais bonitos do mundo.

Com um suspiro, sinto tudo voltar. Fecho os olhos e os anos começam a retroceder, tiquetaqueando lentamente para trás, como os ponteiros de um relógio girando em sentido anti-horário. Como se pelos olhos de outra pessoa, vejo meu cabelo passar de grisalho a castanho, sinto as rugas em torno dos olhos se suavizarem, meus braços e minhas pernas ficarem mais fortes. As lições que aprendi com a idade se tornam turvas e minha inocência volta à medida que aquele ano inesquecível se aproxima.

Então, como eu, o mundo começa a mudar: as ruas se estreitam e o asfalto se torna cascalho, a área de subúrbio é substituída por fazendas, as ruas do centro da cidade estão cheias de gente olhando vitrines enquanto passam pela padaria dos Sweeneys e pelo açougue dos Palkas. Homens usam chapéus, mulheres usam vestidos. No tribunal mais adiante, o sino da torre toca...

Abro os olhos e paro. Estou de pé do lado de fora da igreja batista e, quando olho para o frontão, sei exatamente quem sou.

Meu nome é Landon Carter e tenho 17 anos.

Esta é a minha história; prometo não omitir nada.

Primeiro você vai sorrir, mas depois vai chorar. Não diga que não avisei.

1



Em 1958, Beaufort era uma cidade como muitas outras do Sul. Situada na Carolina do Norte, na costa perto de Morehead City, era o tipo de lugar tão úmido no verão que sair para pegar a correspondência podia fazer a pessoa sentir que precisava de um banho, e as crianças andavam descalças de abril a outubro, sob carvalhos cobertos de barbas-de-velho. As pessoas acenavam dos carros sempre que viam alguém na rua, não importava se as conhecessem ou não. O ar tinha cheiro de pinho, sal e mar, um aroma único das Carolinas. Para muitos moradores, o ganha-pão era pescar na baía de Pamlico ou pegar caranguejos no rio Neuse, e sempre havia barcos atracados no canal Intracoastal. Só havia três canais na televisão, embora isso nunca tenha sido importante para nós que crescemos ali. Nossa vida era centrada nas igrejas; eram dezoito só dentro dos limites da cidade. Elas tinham nomes como Igreja da Congregação Cristã, Igreja dos Clementes, Igreja da Expição Dominical e, claro, havia as batistas. À medida que eu crescia, esta era de longe a denominação mais comum por ali, e via-se uma em quase todas as esquinas da cidade, embora cada uma se considerasse superior às demais. Eram de todo tipo: Batistas do Livre-Arbítrio, Batistas Sulistas, Batistas Congregados, Batistas Missionários, Batistas Independentes... bem, você entendeu.

Naquela época, o maior evento do ano era patrocinado pela igreja batista do centro da cidade – os Sulistas, se quer mesmo saber –, junto com a escola de ensino médio local. Todos os anos eles montavam o auto de Natal no Teatro Beaufort, que na verdade era uma peça escrita por Hegbert Sullivan, um ministro que estava na igreja desde que Moisés abriu o mar Vermelho. Tudo bem, talvez ele não fosse tão velho assim, mas era velho

o bastante para que quase fosse possível enxergar através da sua pele, meio viscosa e translúcida – as crianças juravam ver o sangue correndo em suas veias –, e seu cabelo era tão branco quanto aqueles coelhinhos das lojas de animais na época da Páscoa.

Enfim, ele escreveu essa peça chamada *O anjo do Natal*, porque não queria continuar montando o clássico de Charles Dickens, *Um conto de Natal*. Em sua opinião, Scrooge era um pagão que encontrou a redenção só porque via fantasmas, não anjos... e quem poderia garantir que os fantasmas tinham sido enviados por Deus, de qualquer forma? E que Scrooge não voltaria ao estilo de vida pecaminoso se eles não tivessem sido mandados direto do paraíso? A obra não deixava isso claro no fim – meio que trabalha no campo da fé e tal –, mas Hegbert não confiava em fantasmas se não fossem de fato enviados por Deus, algo não explicado na linguagem da peça, e esse era o grande problema. Alguns anos antes, ele tinha mudado o final e acabou criando sua própria versão, com o velho Scrooge se tornando pastor e indo a Jerusalém para conhecer o lugar onde Jesus ensinara as Escrituras. Isso também não funcionou muito bem – nem mesmo dentro da congregação, que sentou na plateia e assistiu ao espetáculo de olhos arregalados – e o jornal publicou coisas como “Embora sem dúvida tenha sido instigante, não foi exatamente a peça que todos conhecemos e amamos...”

Então Hegbert tentou se lançar na escrita da própria peça. Ele escreveu os próprios sermões a vida toda, e alguns, precisávamos admitir, eram mesmo interessantes, sobretudo quando falava da “fúria de Deus caindo sobre os fornicadores” e todas essas coisas boas. Falar dos fornicadores de fato fazia o sangue de Hegbert ferver. Esse era seu verdadeiro ponto de ebulição. Quando éramos mais novos, meus amigos e eu nos escondíamos atrás das árvores e gritávamos “Hegbert é um fornicador!” ao vê-lo passar pela rua, e ríamos como idiotas, como se fôssemos as criaturas mais esper-tas que já tinham habitado o planeta.

O velho Hegbert se imobilizava e suas orelhas se levantavam – juro por Deus que se moviam de verdade –, então ficava muito vermelho, como se tivesse acabado de beber gasolina, e as grandes veias verdes de seu pescoço começavam a latejar, como aqueles mapas do rio Amazonas mostrados na *National Geographic*. Ele espiava de um lado e de outro, os olhos se estreitando em fendas enquanto nos procurava, então, igual-

mente de súbito, começava a empalidecer, de volta àquela pele de peixe, bem diante de nossos olhos. Cara, aquilo com certeza era algo que valia a pena ver.

Então permanecíamos escondidos atrás de uma árvore e Hegbert (aliás, que tipo de gente dá esse nome ao filho?) ficava ali parado esperando que nos entregássemos, como se fôssemos estúpidos a esse ponto. Tapávamos a boca, para não rir alto, mas Hegbert sempre acabava nos encontrando. Ele se virava de um lado para outro e então parava, os olhos redondos e brilhantes pousando em nós.

– Eu sei que é você, Landon Carter – dizia ele –, e Deus também sabe.

Hegbert deixava a frase no ar por cerca de um minuto e depois voltava a caminhar. Durante o sermão do fim de semana, ele olhava bem na nossa direção e dizia algo como:

– Deus é bom com as crianças, mas as crianças também precisam ser merecedoras.

E nós nos encolhíamos nos assentos, não de constrangimento, mas para abafar uma nova rodada de risos. Hegbert definitivamente não nos entendia, o que era meio estranho, tendo em conta que ele era pai. Mas de uma menina. No entanto, falarei mais sobre isso depois.

Enfim, como eu dizia, certo ano Hegbert escreveu *O anjo do Natal* e decidiu montar *essa* peça em vez da outra. Não era ruim, na verdade, o que surpreendeu a todos no primeiro ano em que foi apresentada. É a história de um homem que perdeu a esposa alguns anos antes. Esse cara, Tom Thornton, é muito religioso, mas sua fé foi abalada depois que a esposa morreu no parto. Ele cria a filha sozinho, mas não é o melhor pai do mundo, e o que a menininha quer mesmo de Natal é uma caixinha de música especial, com um anjo entalhado na tampa, como a de uma foto que ela recortou de um catálogo antigo. O pai busca o presente por muito tempo e com afinco, mas não o encontra. Então, é véspera de Natal e ainda está à procura e, enquanto percorre as lojas, esbarra em uma mulher estranha que nunca viu e que promete ajudá-lo a encontrar o presente para a filha. Antes, porém, os dois auxiliam um morador de rua, depois param num orfanato para ver mais crianças, então visitam uma senhora solitária que só queria um pouco de companhia na véspera de Natal. Nesse momento, a mulher misteriosa pergunta a Tom Thornton o que ele quer de Natal, e Tom responde que tudo o que quer é sua esposa

de volta. Ela o leva até a fonte da cidade e lhe diz para olhar na água, pois lá encontrará o que está procurando. Ao olhar para a água, vê o rosto da filha, então desmorona e começa a chorar ali mesmo. Enquanto ele está soluçando, a mulher misteriosa foge, e Tom Thornton a procura, mas não a encontra. Por fim, vai para casa, as lições da noite se repetindo em sua mente. Ele entra no quarto da filha e sua silhueta dormindo o faz perceber que a menina é tudo o que lhe restou da esposa, então começa a chorar de novo, porque sabe que não é um pai bom o bastante para ela. Na manhã seguinte, como que por mágica, a caixinha de música está sob a árvore de Natal, e o anjo entalhado nela é igual à mulher que Tom conheceu na noite anterior.

Então, a peça não era tão ruim, de fato. Verdade seja dita: as pessoas se debulhavam em lágrimas toda vez que assistiam. A peça teve lotação esgotada em todos os anos em que foi encenada e, graças à sua popularidade, Hegbert acabou tendo que transferi-la da igreja para o Teatro Beaufort, que tinha muito mais assentos. Quando eu estava no último ano do ensino médio, havia duas apresentações para a casa lotada, o que, considerando quem de fato a interpretava, era uma história à parte.

Veja bem, Hegbert queria que a peça fosse encenada por jovens – os veteranos do ensino médio, não o grupo de teatro. Ele devia pensar que essa seria uma boa experiência antes de os alunos partirem para a faculdade e ficarem frente a frente com os fornicadores. Hegbert era o tipo de cara que estava sempre tentando nos livrar da tentação. Ele queria que soubéssemos que Deus está por aí observando, mesmo se você estiver longe de casa, e que, se confiássemos em Deus, ficaríamos bem no fim. Essa era uma lição que eu acabaria aprendendo na hora certa, embora não tenha sido Hegbert quem me ensinou.



Como mencionei, Beaufort era uma cidade sulista típica, embora tivesse uma história interessante. O pirata Barba Negra teve uma casa aqui, e supõe-se que seu navio, *Queen Anne's Revenge*, esteja enterrado nas areias logo depois da costa. Recentemente, alguns arqueólogos, ou oceanógrafos, ou quem quer que procure coisas desse tipo, disseram que o haviam encontrado, mas ninguém tem certeza ainda, considerando que

o navio afundou há mais de 250 anos e não se pode apenas meter a mão no porta-luvas e verificar o registro. Beaufort mudou muito desde a década de 1950, mas ainda não é uma grande metrópole nem nada do tipo. A cidade está, e sempre estará, do lado das menores, mas antigamente por pouco não garantia nem um ponto no mapa. Colocando em perspectiva, o grupamento distrital que incluía Beaufort cobria toda a parte leste do estado – mais de 50 mil quilômetros quadrados –, e não havia uma única cidade com mais de 25 mil habitantes. Mesmo comparada a essas cidades, Beaufort estava do lado das pequenas. Qualquer coisa a leste de Raleigh e ao norte de Wilmington até a fronteira com a Virgínia era parte do distrito que meu pai representava.

Suponho que você tenha ouvido falar dele. Meu pai é meio que uma lenda, mesmo agora. Seu nome é Worth Carter, e foi deputado por quase trinta anos. Seu slogan, a cada dois anos, durante a época eleitoral, era “Worth Carter representa _____”, e a pessoa devia preencher com o nome da cidade em que morava. Das viagens de carro que realizávamos quando eu e minha mãe tínhamos que fazer nossas aparições para mostrar às pessoas que ele era um verdadeiro pai de família, eu me lembro de ver esses adesivos com diferentes nomes gravados, como Otway, Chocawinity e Seven Springs. Hoje em dia, coisas assim não funcionariam, mas naquela época era uma publicidade bem sofisticada. Imagino que, se meu pai tentasse fazer isso hoje, seus oponentes preencheriam a lacuna com todo tipo de palavrão, mas não vimos isso acontecer nem uma vez sequer. Está bem, talvez uma. Um fazendeiro de Duplin County escreveu *merda* no espaço em branco e, quando minha mãe viu, cobriu meus olhos e fez uma oração pedindo que Deus perdoasse o pobre canalha ignorante. Ela não falou exatamente isso, mas eu captei a ideia.

Então meu pai, o senhor deputado, era um figurão. Dez em cada dez pessoas o conheciam, incluindo o velho Hegbert. Mas os dois não se davam bem, nem um pouco, apesar de meu pai frequentar a igreja de Hegbert sempre que estava na cidade, o que, para ser franco, não era muito frequente. Além de considerar que os fornicadores estavam destinados a limpar os mictórios do inferno, o reverendo acreditava que o comunismo era “uma doença que condenava a humanidade à barbarilândia”. Embora “barbarilândia” não fosse uma palavra – não a encontro em nenhum dicionário –, a congregação entendia o que ele queria dizer. As pessoas também

sabiam que o discurso era dirigido ao meu pai, que continuava sentado com os olhos fechados, fingindo não ouvir. Meu pai estava em um dos conselhos da Câmara que fiscalizava a “influência vermelha” supostamente infiltrada em todos os aspectos do país, incluindo a defesa nacional, o ensino superior e até mesmo as plantações de tabaco. Lembre-se de que isso aconteceu durante a Guerra Fria; as tensões estavam aumentando, e nós, da Carolina do Norte, precisávamos de algo que as reduzissem a um nível mais pessoal. Meu pai tinha procurado fatos com consistência, o que era irrelevante para pessoas como Hegbert.

Mais tarde, quando meu pai vinha para casa depois do serviço, dizia algo como: “O reverendo Sullivan estava com a corda toda hoje. Espero que vocês tenham ouvido aquela parte das Escrituras em que Jesus estava falando sobre os pobres...”

Sim, pai, com certeza...

Meu pai tentava evitar conflitos sempre que possível. Acho que foi por isso que permaneceu na Câmara por tanto tempo. Ele era capaz de beijar os bebês mais feios da humanidade e ainda arranjar alguma coisa gentil para dizer. “Ele é tão bonzinho”, falava quando um bebê tinha a cabeça enorme, ou “Aposto que ela é a menina mais doce do mundo”, se a menina tivesse uma marca de nascença cobrindo o rosto todo. Certa vez, uma senhora apareceu com um garoto numa cadeira de rodas. Meu pai deu uma olhada nele e disse: “Aposto 10 dólares que você é o garoto mais inteligente da turma!” E o menino era! Sim, meu pai era ótimo nessas coisas. Ele conseguia enxergar o melhor nas pessoas, com certeza. E não era um cara tão mau, não de verdade, ainda mais se você considerar que ele não me batia nem nada.

Mas meu pai não estava presente enquanto eu crescia. Detesto dizer isso, porque, hoje em dia, as pessoas alegam esse tipo de coisa mesmo que os pais *estivessem* por perto e usam isso como desculpa para seu comportamento. *Meu pai... ele não me amava... foi por isso que me tornei stripper e atuei naquela casa de shows...* Não quero usar isso como desculpa para a pessoa que me tornei, apenas era um fato. Ele passava nove meses do ano fora, morando em um apartamento em Washington, a 482 quilômetros de distância. Minha mãe não o acompanhava porque os dois queriam que eu crescesse “do mesmo modo que eles”.

Claro, o pai do meu pai o levava para caçar e pescar, ensinou-o a jogar bola, ia nas festas de aniversário, todas essas pequenas coisas que contam

muito antes da idade adulta. Meu pai, por outro lado, era um estranho, alguém que eu mal conhecia. Pelos primeiros cinco anos da minha vida, achei que todos os pais morassem em outro lugar. Até que meu melhor amigo do jardim de infância, Eric Hunter, me perguntou quem era aquele cara que tinha aparecido na minha casa na noite anterior. Então percebi que algo não estava certo naquela situação.

– Ele é meu pai – respondi orgulhoso.

– Ah! – exclamou Eric, enquanto revirava minha lancheira, procurando o chocolate. – Eu não sabia que você tinha pai.

Foi como um tapa na cara.

Então, cresci sob os cuidados da minha mãe. Ela era uma ótima mulher, doce e gentil, o tipo de mãe com que a maioria das pessoas sonham. Só que não era, nem jamais poderia ser, uma influência masculina na minha vida, e isso, aliado à minha crescente desilusão com meu pai, fez com que eu me tornasse uma espécie de rebelde, mesmo sendo muito jovem. Não um dos ruins, veja bem. Eu e meus amigos saíamos escondidos à noite e ensaboávamos janelas de carros de vez em quando ou comíamos amendoins cozidos no cemitério atrás da igreja, mas, nos anos 1950, esse era o tipo de coisa que fazia os outros pais balançarem as cabeças e sussurrarem para os filhos: “Você não quer ser como aquele garoto Carter. Ele está na via expressa para a cadeia.”

Eu. Um bad boy. Por comer amendoins cozidos no cemitério. Imagine só.

Enfim, meu pai e Hegbert não se davam bem, mas não apenas por causa de política. Parece que os dois se conheciam de muito tempo. Hegbert era cerca de vinte anos mais velho que meu pai e, antes de ser reverendo, trabalhava para o meu avô. Meu avô – embora passasse muito tempo com meu pai – era um canalha de marca maior. A propósito, foi ele que fez a fortuna da família, mas não quero que pense que meu avô era o tipo de homem que se tornou escravo do negócio, trabalhando de modo diligente e o vendo crescer, prosperando aos poucos, com o tempo. Ele era muito mais esperto que isso. O modo como juntou dinheiro foi simples: começou como contrabandista de bebidas, acumulando riqueza durante a Lei Seca, importando rum de Cuba. Depois começou a comprar terra e a contratar arrendatários para trabalhar nelas. Ele ficava com noventa por cento do que os arrendatários ganhavam com a plantação de tabaco, depois lhes emprestava dinheiro sempre que precisavam a taxas de juros ridiculamen-

te altas. Claro que meu avô nunca pretendeu reaver o dinheiro – em vez disso, executava qualquer terra ou equipamento que os arrendatários por ventura tivessem. Então, no que ele chamou de “momento de inspiração”, abriu um banco chamado Banco e Empréstimos Carter. O único outro banco num raio de dois condados tinha sofrido um incêndio misterioso e, com o começo da Depressão, nunca reabriu. Embora todos soubessem o que de fato acontecera, nem uma palavra foi dita por medo de retaliação, e esse medo tinha fundamento. O banco não foi o único edifício a sofrer um incêndio misterioso.

As taxas de juros do meu avô eram ultrajantes e, pouco a pouco, ele começou a acumular mais terras e propriedades do que as pessoas declaravam nos empréstimos. Quando a Depressão chegou ao auge, meu avô executou dezenas de negócios por todo o condado, enquanto retinha os donos originais trabalhando por salários, pagando-lhes apenas o suficiente para mantê-los onde estavam, porque não tinham mais para onde ir. Ele lhes dizia que, quando a economia melhorasse, lhes venderia de volta seus negócios, e as pessoas sempre acreditavam.

No entanto, a promessa nunca foi cumprida. No fim, meu avô controlava grande parte da economia do condado, e abusava do poder de todas as formas imagináveis.

Eu gostaria de dizer que ele acabou tendo uma morte horrível, mas não foi bem assim. Meu avô morreu com uma idade muito avançada, enquanto dormia com a amante em seu iate, nas ilhas Cayman. Ele sobreviveu a suas duas esposas e a seu único filho. Que fim para um cara desses, hein? Eu percebi que a vida nunca é justa. Isso deveria ser ensinado nas escolas.

Bem, de volta à história... Hegbert, depois de perceber o grande canalha que meu avô era, parou de trabalhar para ele e ingressou no ministério. Então voltou para Beaufort e começou a pregar na mesma igreja que frequentávamos. Hegbert passou o primeiro ano aperfeiçoando o ato apocalíptico com sermões mensais sobre os males da avareza, e isso mal lhe deixava tempo para qualquer outra coisa. Completou 43 anos antes de se casar; tinha 55 quando a filha, Jamie Sullivan, veio ao mundo. Sua esposa, uma mulherzinha franzina vinte anos mais jovem que ele, sofreu seis abortos espontâneos antes de Jamie nascer e, por fim, morreu no parto, fazendo de Hegbert um viúvo com uma filha para criar sozinho.

Esta, é claro, é a história por trás da peça.

As pessoas conheciam a narrativa antes mesmo de a peça estreiar. Era uma daquelas histórias que circulavam sempre que Hegbert precisava batizar um bebê ou comparecer a um funeral. Todo mundo a conhecia, e acho que foi por isso que tantas pessoas se emocionaram quando assistiram à encenação. Sabiam que era inspirada numa história real, o que conferia a ela um significado especial.

Jamie Sullivan era veterana no ensino médio, como eu, e já tinha sido escolhida para interpretar o anjo – não que qualquer outra pessoa pudesse ter tido uma chance. Isso, claro, tornava a peça ainda mais especial naquele ano. Seria um grande acontecimento, talvez o maior de todos os tempos, pelo menos na cabeça da Srta. Garber. Ela era a professora de teatro e já estava toda animada com as possibilidades quando a vi pela primeira vez na aula.

Bem, na verdade eu não tinha planejado fazer aula de teatro naquele ano. Não mesmo, mas era isso ou Química II. A questão é que achei que a aula seria moleza, ainda mais comparada com a outra opção. Nada de trabalhos, testes, tabelas em que eu tinha que memorizar prótons e nêutrons e combinar elementos nas devidas fórmulas... o que poderia ser melhor para um veterano do ensino médio? Parecia uma certeza e, quando me matriculei, achei que poderia dormir durante a maior parte das aulas, o que, considerando meu hábito de comer amendoins tarde da noite, era muito importante na época.

No primeiro dia, fui um dos últimos a chegar, entrando apenas alguns segundos antes de o sinal tocar, e me sentei no fundo da sala. A Srta. Garber estava de costas para a turma, ocupada escrevendo seu nome em grandes letras cursivas, como se não soubéssemos quem ela era. Todo mundo a conhecia – era impossível não a conhecer. A Srta. Garber era grande, tinha pelo menos 1,90 metro, com cabelo vermelho flamejante e a pele pálida que mostrava as sardas de seus mais de 40 anos. Também estava acima do peso – eu diria que ela pesava mais de 100 quilos – e gostava muito de vestir batas havaianas floridas. Usava óculos grossos, escuros, com armação de chifre, e cumprimentava todo mundo com um “Oiiii” meio cantado. A Srta. Garber era uma figura única, e era uma solteirona.

Debaixo do nome, escreveu os objetivos que gostaria de alcançar naquele ano. “Autoconfiança” era o número um, seguido de “autoconsciência” e,

em terceiro, “autorrealização”. A Srta. Garber era muito interessada nessa coisa de “auto”, o que a colocava muito acima da média, em se tratando de psicoterapia, embora ela não devesse perceber isso naquela época. Ela era uma pioneira nessa área. Talvez tivesse algo a ver com sua aparência; talvez estivesse apenas tentando se sentir melhor em relação a si mesma.

Mas estou divagando.

Só depois de a aula começar percebi algo estranho. Embora a Beaufort High School não fosse grande, eu tinha certeza de que era bem dividida, meio a meio, entre moças e rapazes, logo fiquei surpreso porque, naquela aula, a turma era composta por pelo menos noventa por cento de garotas. Só havia mais um garoto na turma, o que, a meu ver, era uma coisa boa, e, por um momento, me senti corar com uma sensação de “Se cuida mundo, aqui estou eu”. Garotas, garotas, garotas... Eu não conseguia parar de pensar. Garotas e mais garotas, e nenhum teste à vista.

Tudo bem, eu não era o cara com o pensamento mais moderno da vizinhança.

Então a Srta. Garber toca no assunto da peça de Natal e diz a todos que Jamie Sullivan vai ser o anjo esse ano. A Srta. Garber começou a bater palmas na mesma hora – era membro da igreja também – e um monte de gente suspeitava que ela tinha um interesse romântico por Hegbert. Lembro que, na primeira vez que ouvi falar disso, pensei que era uma sorte os dois serem velhos demais para terem filhos se algum dia ficassem juntos. Imagine: translúcido com sardas? A própria ideia causava arrepios em todo mundo, mas, claro, ninguém nunca comentou nada, pelo menos não perto da Srta. Garber e de Hegbert. Fofoca é uma coisa; fofoca maliciosa é outra bem diferente, e nem mesmo no ensino médio éramos tão cruéis assim.

A Srta. Garber continuou aplaudindo, sozinha por um tempo, até que todos enfim nos juntamos a ela, porque ficou claro que esse era seu objetivo.

– Levante-se, Jamie – pediu a professora.

Então Jamie se levantou e se virou para nós, e a Srta. Garber começou a aplaudir ainda mais rápido, como se estivesse diante de uma verdadeira estrela de cinema.

Jamie Sullivan era uma boa garota. De verdade. Beaufort era tão pequena que só havia uma escola de ensino fundamental, então nós fomos da mesma turma a vida inteira, e eu estaria mentindo se dissesse que nunca havia falado com ela. No segundo ano do fundamental, Jamie se sentou na

carteira ao lado da minha o ano inteiro, e conversamos algumas vezes, mas isso não significava que eu passava muito tempo com ela quando estava livre, nem mesmo naquela época. Com quem eu falava na escola era uma coisa, com quem eu falava *depois* da aula era outra completamente diferente, e Jamie nunca fez parte do meu grupo social.

Não que Jamie não fosse interessante – não me entenda mal. Ela não era horrível nem nada disso. Por sorte, puxara à mãe, que, de acordo com as fotos que vi, não era tão ruim, ainda mais levando-se em conta com quem se casou. Só que Jamie também não era bem o que eu considerava atraente: magra, com cabelos cor de mel e olhos azul-claros, na maior parte do tempo parecia meio... *sem graça*, isso quando você ao menos a notava. Jamie não ligava muito para a aparência porque estava sempre buscando coisas como “a beleza interior”, e suponho que em parte este seja o motivo para ter a aparência que tinha. Desde que a conheci – e fazia muito tempo, lembre-se –, Jamie usava o cabelo preso num coque apertado, quase como uma solteirona, sem um pingão de maquiagem no rosto. Isso, combinado com o cardigã marrom habitual e a saia xadrez, sempre fazia parecer que ela estava indo para uma entrevista de emprego na biblioteca. Pensávamos que era uma fase e que Jamie acabaria se libertando disso, mas tal coisa nunca aconteceu. Mesmo durante os três anos de ensino médio, Jamie não mudou nada. A única coisa que mudou foi o tamanho das roupas.

A aparência de Jamie não era a única coisa que a tornava diferente; também havia seu comportamento. Ela nunca frequentou a lanchonete Cecil’s nem ia a festas do pijama com outras garotas, e eu sabia que nunca tivera um namorado. Era provável que o velho Hegbert tivesse um infarto se a filha arranjasse um. Mesmo se por uma estranha reviravolta ele tivesse consentido, não faria diferença. Jamie carregava a Bíblia para onde quer que fosse e, se a aparência dela e Hegbert não fossem o suficiente para afastar os garotos, a Bíblia com certeza o faria. Eu gostava da Bíblia como qualquer adolescente, mas Jamie parecia adorá-la de um jeito que era completamente estranho para mim. Ela não só ia para a escola bíblica de férias em agosto todos os anos, como também lia a Bíblia na escola, no intervalo do almoço. Na minha cabeça, isso não era normal, mesmo que fosse filha do pastor. Não importa o ângulo pelo qual você olhasse, ler as cartas de Paulo aos Efésios não era nem de longe tão divertido quanto paquerar, se é que você me entende.

E Jamie não parava por aí. Por causa de suas leituras bíblicas, ou talvez por causa da influência de Hegbert, ela acreditava que era importante ajudar os outros, e isso era exatamente o que fazia. Eu sabia que Jamie era voluntária no orfanato em Morehead City, mas, para ela, isso não era suficiente. Estava sempre encarregada de alguma arrecadação de fundos, ajudando a todos, desde os escoteiros até programas de integração entre pais e filhas, e sei que, com 14 anos, passou parte do verão pintando a parede externa da casa de um vizinho idoso. Jamie era o tipo de garota que tiraria as ervas daninhas do jardim de alguém sem que a pessoa lhe pedisse ou que pararia o trânsito para que crianças atravessassem a rua. Ela juntava a mesada para comprar uma nova cesta de basquete para os órfãos ou deixava o dinheiro na cestinha da oferta da igreja, no domingo. Em outras palavras, era o tipo de garota que fazia com que o restante de nós parecesse mau e, sempre que olhava para mim, eu não podia deixar de me sentir culpado, mesmo que não tivesse feito nada errado.

Jamie tampouco limitava as boas ações às pessoas. Se encontrasse um animal ferido, por exemplo, também tentaria ajudar. Gambás, esquilos, cachorros, gatos, sapos... não fazia diferença para ela. O veterinário, Dr. Rawlings, a reconhecia de longe e balançava a cabeça sempre que a via andando até a porta carregando uma caixa de papelão com algum bicho dentro. Ele tirava os óculos e os limpava com o lenço enquanto Jamie explicava como encontrara a pobre criatura e o que havia acontecido.

– Ele foi atropelado por um carro, Dr. Rawlings. Acho que estava nos planos do Senhor que eu o encontrasse e tentasse salvá-lo. Você vai me ajudar, não vai?

Para Jamie, tudo estava nos planos do Senhor. Isso era outra coisa. Ela sempre mencionava os planos do Senhor nas conversas, não importava qual fosse o assunto. O jogo de beisebol foi cancelado por causa da chuva? Deve ser o plano do Senhor para impedir que algo pior aconteça. Um teste-surpresa de trigonometria em que todos da turma se dão mal? Deve estar nos planos do Senhor nos dar desafios. Enfim, você entendeu a ideia.

Então, é claro, havia toda a situação de Hegbert, e isso não a ajudava em nada. Ser filha do pastor não devia ser fácil, mas Jamie fazia com que a situação parecesse ser a coisa mais natural do mundo e que tinha sorte por ter sido abençoada dessa forma.

“Sou muito abençoada por ter um pai como o meu”, costumava dizer.

Sempre que falava isso, tudo o que podíamos fazer era balançar a cabeça e nos perguntar de que planeta ela tinha vindo.

Apesar de tudo, porém, o que *realmente* me deixava louco com relação a Jamie era o fato de que ela estava sempre muito alegre, não importava o que estivesse acontecendo ao seu redor. Juro, aquela garota nunca disse uma coisa ruim sobre nada nem ninguém, nem mesmo sobre aqueles que não eram legais com ela. Jamie cantarolava enquanto caminhava pela rua e acenava para estranhos que passavam de carro. Às vezes, senhoras saíam correndo de casa quando a viam passar, para oferecer pão de abóbora que tinham preparado o dia todo ou uma limonada se o sol estivesse muito forte. Parecia que todos os adultos da cidade a adoravam.

“Jamie é uma mocinha tão boa...”, diziam sempre que tocavam no nome dela. “O mundo seria um lugar melhor se houvesse mais pessoas como ela.”

Mas meus amigos e eu não pensávamos assim. Para nós, uma Jamie Sullivan já era suficiente.

Eu pensei nisso tudo enquanto Jamie estava de pé na nossa frente no primeiro dia da aula de teatro, e admito que não estava muito interessado em vê-la. Estranhamente, quando Jamie se virou para nós, eu meio que tive um choque, como se estivesse sentado em um fio desencapado ou algo assim. Ela usava saia xadrez com uma blusa branca sob o mesmo cardigã marrom que eu tinha visto um milhão de vezes, mas havia duas novas protuberâncias em seu peito que o cardigã não conseguia esconder e que eu podia jurar que não estavam lá três meses antes. Jamie nunca usava maquiagem e seguia assim, só que estava bronzeada, talvez da escola bíblica, e pela primeira vez parecia... bem, quase bonita. Claro que descartei o pensamento de imediato, mas, quando ela olhou ao redor, parou e sorriu para mim, feliz por me ver ali. Só mais tarde eu entenderia o motivo.

CONHEÇA OS LIVROS DE NICHOLAS SPARKS

O melhor de mim
O casamento
À primeira vista
Uma curva na estrada
O guardião
Uma longa jornada
Uma carta de amor
O resgate
O milagre
Noites de tormenta
A escolha
No seu olhar
Um porto seguro
O guardião
Diário de uma paixão
Dois a dois
Querido John
Um homem de sorte
Almas gêmeas
Um amor para recordar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

